

DEBORAH SMITH

DOCES SILÊNCIOS

Tradução de Elsa T. S. Vieira

Pomares

No teu pomar, acolhes todas as almas que florescem,
Espíritos verdes, sonhos dourados, paixões vermelhas –
Maçãs Sour Shaw, Auburn Delilah,
MacLand Tart, Osmo Russett, Candler Wild;
Mil sussurros de árvores desaparecidas –
Maçãs esquecidas, perdidas na terra.
Mas as tuas sobrevivem, minha Hush doce e forte;
As tuas esperanças ajeitam, suaves e doces;
As tuas árvores crescem para sempre, onde dois corações se
encontram.

– Poema escrito para a segunda Hush McGillen, pelo marido, 1899

Prólogo

Hush

Sou a quinta Hush McGillen batizada em homenagem à maçã da variedade *Sweet Hush*, mas a única que atirou uma maçã podre à primeira-dama dos Estados Unidos da América. Em minha defesa, devo dizer que a primeira-dama também me atirou uma *Sweet Hush* podre. Esta troca de projéteis, sem demérito para as ditas maçãs, foi triste e muito séria.

– Deram cabo da minha filha e eu quero-a de volta – acusou ela.

– Troco-a pelo meu filho – respondi. – E pela alma do Nick Jakobek.

No fundo, a discussão não era sobre mim ou ela, mas sobre os nossos destinos tristemente interligados, sobre os nossos respetivos filhos e respetivos homens e sobre aquilo que achávamos ter sido postas no mundo para fazer, sob os olhares das outras pessoas; quer essas pessoas fossem um país inteiro ou apenas uma família obstinada. Há uma linha estreita a separar a fama pública e a vergonha privada. Para quem tem algo a esconder, manter essa separação requer mais energia do que gostaríamos de admitir.

Assim, enquanto estava na Casa Branca naquele dia, com as mãos sujas de polpa de maçã líquida e pútrida, como sangue, apercebi-me de uma verdade básica: o que mantém a ordem no mundo não é a política, o dinheiro, os exércitos ou a religião, mas sim a capacidade obstinada que as almas vulgares possuem de defender aquilo que lhes é caro e secreto sobre as suas lendas pessoais, armadas com o fruto do trabalho de uma vida. No meu caso, maçãs.

Percorri, cansada, um daqueles corredores da Casa Branca que todos vimos em revistas e documentários. Para que conste, a mansão é mais pequena do que parece na televisão, mas o efeito é mais forte ao vivo. Os saltos dos meus sapatos faziam demasiado barulho. Sentia na pele o peso daquele ar importante. A história sussurrava-me: «Hush, vai para casa, lambe as feridas e recomeça com as mãos e as lágrimas numa terra sólida e de confiança.» Passei por um passeio bem arranjado no exterior da mansão, sob o sol de inverno, e depois saí para a via pública. O guarda ao portão do jardim sul dirigiu-se a mim como se eu por ali tivesse passado uma centena de vezes:

– Posso ajudá-la, senhora Thackery?

A fama, por mais indireta ou indesejada que seja, tem os seus benefícios.

– Se tiver um lenço de papel, agradeço. – Só queria limpar os restos de maçã podre das calças de ganga e do casaco, mas ele deu-me um pacote. Hush McGillen Thackery, do condado de Chocinaw, estado da Geórgia, merecedora de um pacote de lenços de papel na guarita do portão da Casa Branca. Devia ter ficado impressionada.

Pus os dedos de montanhesa entre os lábios e assobie para mandar parar um táxi. Segui nesse táxi até ao hospital em Bethesda, Maryland, onde nos anos cinquenta os médicos do presidente Eisenhower ocultaram os seus problemas cardíacos e onde, nos anos oitenta, os médicos do presidente Reagan ocultaram o facto de o nosso líder de idade já avançada estar a ficar demente. Era um lugar seguro para manter os problemas familiares perto da alma e longe do resto do país. Os agentes dos Serviços Secretos, que ainda não sabiam que eu tinha atingido quem vocês sabem com uma maçã, ajudaram-me a passar por entre uma multidão de repórteres.

Dirigi-me ao quarto privado onde Nick Jakobek estava em recuperação, suspenso algures abaixo da fronteira do sono normal, com a barriga e peito cobertos de ligaduras que escondiam grandes filas de pontos, e uma ligação intravenosa a fornecer-lhe o gotejar reconfortante e lento dos narcóticos que, de certeza absoluta, arrancaria do braço mal acordasse. Sentei-me ao lado da cama de Jakobek e peguei numa das suas mãos grandes.

As pessoas tinham jurado que ele era o tipo de homem que não me traria nada de bom fora da cama. Era um desconhecido suspeito, não um bom rapaz da terra ou um elegante homem de negócios sulista; não era «um dos nossos». Era um homem que nunca tinha arado o solo, nem vendido um alqueire de maçãs acabadas de apanhar a um mundo faminto delas, que nunca se sentara à volta de uma fogueira a beber *bourbon* sob a Lua Cheia. Um homem que sabia mais sobre maneiras de morrer do que sobre maneiras de viver. Um homem tão envolto em rumores e mistérios que nem o presidente conseguia proteger a reputação dele. Com certeza, diziam as pessoas, que Hush McGillen Thackery nunca se rebaixaria a ponto de amar um homem daqueles, depois de ter amado um homem tão bom como o marido.

Estou aqui para vos dizer que o amei, que não devia, mas que o amo.

– Nunca teve nada a ver conosco – murmurei a Jakobek. – As pessoas têm de crescer onde foram plantadas. É a última analogia com maçãs que te direi até decidires pedir-me mais. Se e quando isso acontecer. Mas lembra-te. Acredita em mim. Conquistaste as tuas bênçãos. – Beijei-o e chorei um bocadinho. A boca dele relaxou, mas não podia acordar.

– Ouvi dizer que teve um encontro infeliz com a minha mulher – disse uma voz. Virei-me e vi o presidente a olhar para mim à porta.

– Atirei-lhe uma maçã podre. – Não é propriamente o que gostaríamos de dizer a um homem que comanda o seu próprio exército.

O presidente, porém, limitou-se a assentir com a cabeça.

– Ela deve ter merecido.

Coloquei um pequeno crucifixo de madeira de macieira na mão aberta de Nick, encostei a minha testa à dele durante um longo momento e depois saí do quarto. Estava na altura de regressar a casa, às montanhas férteis e selvagens da Geórgia, onde era o meu lugar, o meu e o de todas as pessoas que amava – exceto Nick Jakobek e a sua família presidencial.

Todos nos reinventamos à medida que o tempo passa, até que as histórias embelezadas das nossas vidas envolvem as fraquezas e humilhações como a casca dura de uma macieira. Podemos chamar-lhe relações públicas para o bem do país, ou tirar o melhor partido

de uma situação má numa família, num casamento ou num caso de amor, mas, seja como for, enraizamos as nossas vidas nas ideias que as outras pessoas têm de quem somos, tanto em público quanto privado, grandes e pequenas.

Mas a maçã, claro, nunca cai muito longe da árvore, e uma pessoa nunca pode deixar de ser aquilo que é.

Parte Um

Capítulo 1

Hush

Conquistar as suas bênçãos. Nós, os McGillen, sempre tivemos de conquistar as nossas bênçãos aos caprichos cruéis das estações e à esperança vermelha e dura das maçãs maduras. O nosso legado começou em 1865 com Hush Campbell McGillen, uma jovem escocesa cujo marido, Thomas, morreu despedaçado na Batalha de Bull Run. Suspeitamos que Thomas McGillen era um escocês da Pensilvânia ao serviço do Exército da União, mas a tetravó Hush nunca admitiu tal coisa depois de ter chegado a território inimigo, no sul dos montes Apalaches. Trouxe consigo quatro filhos e filhas meio criados, uma mula, uma carroça, cinquenta dólares e um saco de sementes de maçã recolhidas em todos os pomares por onde passou entre a Pensilvânia e a Geórgia.

A Primeira Hush crescera a cultivar maçãs no seu país de origem, onde o pai cuidava das árvores de fruto de um inglês. Hush sabia onde localizar um pomar, como fazer um enxerto pegar, como atrair abelhas cobertas de pólen na primavera, como armazenar as maçãs durante meses no inverno. Compreendia que uma macieira precisa de solo quente, água boa, céu limpo e ar fresco; e as macieiras compreendiam-na a ela. Tal como as macieiras, Hush ansiava pela terra, por aquele tipo de terra boa para plantar um pomar, que até uma viúva sem ter onde cair morta podia reivindicar de graça. Essa terra ficava no berço de um paraíso montanhoso selvagem chamado Chocinaw, na Geórgia.

A Primeira Hush viajou até um vale largo pelo qual corria um ribeiro, no sopé da montanha Chocinaw e das suas montanhas irmãs, Big Jaw e Ataluck. As pessoas da montanha chamavam a esse vale o Hollow, como a cavidade misteriosa na base de uma grande árvore. Ficava tão escondido nas profundezas dos colos de Chocinaw, Big Jaw e Ataluck que só se podia lá chegar a pé, e tão longe da civilização que só uma pessoa desesperada quererá sequer tentar lá chegar. O Hollow ficava dezasseis quilómetros a oeste de Dalrymple, a sede de concelho de Chocinaw (onde todos estavam declaradamente felizes por a Guerra os ter ignorado), trinta e dois quilómetros a sul da cidade de Chattanooga, Tennessee, que fora bastante abalada pelos combates, cento e sessenta quilómetros a norte da cidade arrasada de Atlanta e mil e seiscentos quilómetros a oeste das Terras Baixas da Escócia onde Hush nascera.

Seria mais fácil encontrar «Nenhures» num mapa.

A juntar à sua mística, o Hollow era evitado pelos habitantes locais, que o consideravam um vale dos mortos. Ali, num vale estreito paralelo ao ribeiro, jaziam sepultados os corpos de quase cinquenta soldados Rebeldes e da União que se tinham matado uns aos outros num massacre terrível, apenas um ano antes de Hush chegar. Os montanheses reservados do condado de Chocinaw tinham sepultado os soldados em campas rasas no sítio onde haviam perecido. O homem mais culto de Dalrymple, o fundador da cidade, Arnaud Dalrymple – empregado de bar, jogador, sacerdote dos evangelhos e colunista de jornal – escreveu no *The Dalrymple Weekly Courier*:

«O esplêndido Hollow selvagem é tão assombrado como o Inferno pessoal do Sr. Abraham Lincoln.»

Hush, contudo, olhou para o Hollow e viu território de maçãs. As encostas das montanhas protegiam-no dos ventos fortes e proporcionavam sombra do sol escaldante do sul; os regatos e nascentes da montanha desaguavam no grande ribeiro do Hollow, oferecendo um fornecimento fiável e constante de água doce. E, acima de tudo, a parte inferior das encostas estava coberta de macieiras silvestres, como oásis entre as falésias de granito. Aquelas arvorezinhas resistentes e cobertas de flores agarravam-se às fendas, entre loureiros e

pedras. Reconheciam um bom lar quando o encontravam e sabiam que o Hollow era feito para macieiras.

– As maçãs não se incomodam com os ossos, e os mortos não se incomodam com as maçãs – declarou Hush.

Deu os seus cinquenta dólares pela escritura dos oitenta hectares do Hollow, montou acampamento, limpou a terra e plantou as suas sementes.

Ora bem, as maçãs são como as pessoas. Não há duas sementes iguais. Se plantarmos cem sementes, teremos cem macieiras distintas – umas boas, outras más, mas na sua maioria normais, como os filhos de toda a gente. Hush sabia que só o tempo e o destino organizariam a curiosa mistura que ela plantara – *Vandermeers* da Pensilvânia, *Colridge Yellows* de Maryland, *Spirit Reds* das Carolinas, e muitas mais. À época, havia centenas de variedades de maçãs na metade oriental do país, a mais fresca. Qualquer pequena quinta tinha um pomar e todos os condados tinham uma variedade de maçã própria. Os agricultores esperavam para ver o que as abelhas trariam em cada estação nas patas peludas cobertas de pólen. Estudavam cada nova planta como peregrinos à procura de um líder sagrado.

Talvez esta seja especial. Talvez esta seja a rainha-mãe de todas as macieiras.

Hush observou as suas árvores durante dez anos, depois vinte. Nessa altura, os filhos há muito que tinham crescido e partido, ela acrescentara uma divisão à casa de troncos arejada, criara uma data de gado, galinhas e porcos, construía um celeiro e comprara duas mulas novas. Os filhos tinham aberto um trilho lamacento até Dalrymple, ao qual chamaram McGillen Orchards Road. Hush ganhava a vida a vender carroças de maçãs aos aldeões todos os outonos. Porém, até agora, ainda não surgira nenhuma árvore especial. Todas as primaveras via as abelhas esvoaçarem entre o seu pomar manso e as macieiras silvestres e sedutoras nas encostas das montanhas. Uma filha que se mudara para Atlanta escreveu a uma amiga: «A mamã ainda acredita que Deus no Céu sorrirá sobre o casamento das árvores dela com as Dele.»

À medida que envelhecia, Hush ensinou uma neta, Liza Hush McGillen (conhecida como a Hush McGillen, *a Segunda*) a ajudá-la

no pomar. Juntas, estudavam as jovens árvores que amadureciam todos os anos, à procura da «tal». No outono de 1889, encontraram-na. Ali estava ela, na sua primeira estação de fruta – uma jovem árvore orgulhosa e forte, mesmo no meio do velho terreno onde estavam sepultados os soldados mortos, nascida dos seus ossos, com maçãs tão doces que o sumo explodia na boca como açúcar.

Hush e Liza caíram de joelhos, a chorar e a rir enquanto comiam aquele fruto maravilhoso. Nos anos que se seguiram, cortaram galhos dos ramos da jovem árvore, enxertaram-nos nas outras e clonaram a maravilhosa árvore mãe uma centena de vezes, depois duas centenas, e mais. A notícia correu como abelhas famintas de amor; e as pessoas vieram comprar. Hush vendeu maçãs, e Hush vendeu rebentos enxertados, e Hush vendeu Hush – quer isto dizer, a sua lenda.

Mais vermelha do que uma *Arkansas Beauty*, tão boa de conservar como uma *Ben Davis*, mais sumarenta do que uma *Jenny's Eureka*, mais doce do que uma *Blush Delilah*.

A Maçã *Sweet Hush*.

Todas as gerações antes de mim conquistaram o direito a esse nome, e eu também o conquistara.

Aprendi a cultivar a *Sweet Hush* com a minha tia-avó Betty Hush (a quarta Hush McGillen), proprietária do Hollow antes do meu pai. Betty aprendera o negócio das maçãs com o seu primo mais velho, William Hush McGillen (o terceiro Hush McGillen e o único que calhou ser homem), que geriu os famosos pomares *Sweet Hush* no seu primeiro apogeu, entre 1900 e 1930. Segundo rezam as histórias da família, William Hush McGillen tinha tanto jeito para os negócios como um pregador a extorquir moedas aos pecadores. Gosto de pensar que herdei esta capacidade.

No reinado de William Hush, havia pomares de maçãs *Sweet Hush* por todo o condado de Chocinaw, e o clã McGillen residia agora em casas confortáveis, com bons fogões de ferro nas cozinhas e carros *Model-T* rápidos à porta. William Hush e todos os seus primos vendiam maçãs à tonelada e *brandy* de maçã caseiro ilegal ao barril. Em Atlanta, a irmã de William, Doreatha McGillen, fundou a Companhia de Bolos *Sweet Hush*. Todos os anos, os McGillen da montanha enviavam para Doreatha milhares das melhores maçãs *Sweet Hush*,

em carroças puxadas por mulas e por comboio, que ela depois cozia, transformava em puré, temperava com especiarias, e com as quais fazia recheios para todo o tipo de bolos. Estes produtos deliciosos eram entregues em mão nas melhores casas da cidade por homens negros de fatos brancos, em bonitas carruagens puxadas por cavalos com as palavras COMPANHIA DE BOLOS SWEET HUSH escritas de lado em caligrafia vitoriana. As *Tartes de Maçã Sweet Hush* constavam regularmente da ementa de sobremesas na mansão do governador.

Depois a Depressão acabou com a fábrica de bolos de Doreatha. Os agentes fiscais federais da administração Roosevelt destruíram o negócio de bebidas alcoólicas dos McGillen (e a família também – o meu orgulhoso avô e um dos seus primos, ambos pastores na Igreja Batista de Dalrymple, foram apanhados com alambiques ilegais e suicidaram-se para não serem presos). Mas o pior de tudo foram os avanços na refrigeração moderna e nos transportes de longa distância, que transformaram as maçãs locais numa novidade, não uma necessidade.

A maioria dos grandes pomares do sul já tinha desaparecido quando eu nasci em 1962 – cortados, queimados até ao chão, esquecidos, indesejados, sem amor. Potter Prides, Escanow Plumps, Sweet Birsdaps, Black Does, Lacey Pinks – todos extintos da face da Terra, bem como centenas de outras. Desaparecidos para sempre. Nós, os McGillen, continuámos a aguentar um golpe de azar após outro (o meu próprio pai morreu jovem, de um ataque cardíaco, enquanto cortava arbustos nos pomares) mas nós e as nossas *Sweet Hush* agarrámo-nos pelos caules, obstinados, recusando desistir num mundo que nos tinha trocado por *Wisconsin Winesaps* baratas e *Matsus* japonesas geladas.

Em criança, decidi que faria com que as pessoas nos voltassem a saborear.



Os primeiros onze anos da minha vida, antes de o papá morrer, foram perfeitos. A mamã cantava enquanto trabalhava nos pomares ao lado dele e o papá estava sempre contente, ou pelo menos era o

que parecia. Eu era a sua princesa das maçãs, a quinta Hush McGillen de Sweet Hush Hollow, o sítio mais bonito à face da Terra. Florescia na primavera, amadurecia como um ventre no verão, alimentava-nos a alma no outono e dormia com tranquilos sonhos nos invernos frios.

Os pomares McGillen estendiam-se pelo largo vale e pelos sopés das montanhas Chocinaw, Ataluck e Big Jaw, cobrindo socalcos construídos por gerações de trabalho árduo dos McGillen. Na nossa família, tínhamos um ditado: «As verdadeiras maçãs *Sweet Hush* só podem ser cultivadas por Deus e pelos McGillen.» Havia algo sombrio, rico e assombrado no nosso solo, sussurravam os velhos.

– Esse tipo de solo produz sempre a fruta mais satisfatória – dizia o papá.

Eu não fazia ideia de que éramos pobres e ainda não tinha começado a compreender o que queriam dizer os nossos familiares quando lamentavam as últimas provas do passado grandioso da família – o jarro de prata com monograma que o papá polia carinhosamente e expunha em cima de uma velha mesa de pinho. Houve uma altura, ouvia as velhas tias dizerem, em que a nossa família não tinha de vender os seus magníficos bens antigos.

Para mim, todos os magníficos bens antigos continuavam conosco. Cresciam numa beleza esplêndida e florida à minha volta, nas colinas, e eram registadas nos poeirentos textos agrícolas arrumados na simples estante de carvalho da sala. Na parede da sala de estar, num lugar de glória por cima do velho sofá de xadrez, estava pendurada a única peça de arte emoldurada da nossa casa: uma gravura botânica de 1909, a cores, de uma maçã *Sweet Hush*.

– Foi publicada pela primeira vez nos grandes livros agrícolas federais da altura – explicava o papá, que me contou a história repetidamente quando eu era criança, como se fosse uma história de embalar ou um conto de fantasmas preferido. Eu adorava a expressão de orgulho no seu rosto quando falava da nossa antiga grandeza. – Mandaram dois homens de Washington. Sentaram-se nos pomares, com toda a família a assistir, enquanto um deles pintava um espécime perfeito de uma maçã *Sweet Hush* e o outro estudava dezenas de maçãs e tirava apontamentos.

Depois o papá abria o nosso antigo exemplar do livro governamental

resultante e lia solenemente as conclusões dos dois homens, como se tivesse a recitar um versículo da Bíblia:

– «A maçã *Sweet Hush* madura é de um vermelho-escuro, quase cor de vinho; o fruto é uniforme e redondo, de tamanho médio; o caule é grosso e comprido, numa cavidade pronunciada, escura e lisa; a base é larga e pouco funda, sem rugas; a polpa é extra fresca e muito branca. As maçãs amadurecem de setembro a dezembro; aguentam bem o inverno e mantêm o sabor quando são cozinhadas.» – O papá fazia sempre uma pausa neste ponto, respirava e recitava a parte mais importante de todas no seu sotaque arrastado: – «O sabor é como mel fresco puro, misturado com o melhor açúcar de cana. Não há qualquer acidez na *Sweet Hush*. Cada dentada parece derreter na língua. Uma maçã verdadeiramente espetacular!»

Verdadeiramente espetacular! Imaginem. Homens do governo a usarem esse tipo de superlativos sem serem subornados.

A mamã, que era parte Cherokee, punha-se ao lado do papá e oferecia o conselho da sua avó nativa:

– A avó Halfacre dizia que a *Sweet Hush* é a melhor maçã para a saúde. Porque as maçãs doces acalmam o estômago, limpam os intestinos e confortam o coração.

Anos depois, viria a recordar essas palavras com uma certa mágoa. Para sobreviver como criador de maçãs era realmente preciso ter coração e estômago.

Contudo, em criança, tudo o que me interessava era o milagre da nossa associação com uma das melhores dádivas de Deus que, ainda por cima e para meu orgulho, tinha o mesmo nome do que eu.

– Minha maçãzinha premiada – chamava-me o papá. – És tal e qual a tua mãe.

Eu tinha o rosto comprido e anguloso da minha mãe, o mesmo nariz de ponta abatada, a boca grande de cantos virados para baixo e as maçãs do rosto Cherokee, mas o queixo forte e os olhos verdes eram do papá. Não havia corte ou permanente que conseguisse impedir o meu cabelo castanho-avermelhado de me cair à volta da cara como o topete de um cavalo. As pessoas nunca diziam que eu era bonita, mas diziam sempre que dava nas vistas. Por outro lado, também um potro albino dá nas vistas. O papá dizia que eu tinha olhos cor de

maçãs verdes. Na altura, eu olhava com esses olhos puros e ainda por amadurecer para o mundo além de Chocinaw e desafiava esse mundo a vir dar uma dentada nesta maçãzinha alegre e resistente.

Até que finalmente, um dia, foi o que aconteceu.



No início da época da maçã, em 1974, enquanto a mamã trabalhava arduamente a servir às mesas no Restaurante Dalrymple, eu despejei cidra do jarro de prata para as raízes retorcidas da primeira árvore de *Sweet Hush* e chorei até pensar que a cabeça me ia rebentar. O papá morrera a trabalhar nos pomares nesse verão, enquanto a mamã lhe segurava na cabeça e eu corria a chamar ajuda, e nunca deixaria de sentir a falta dele. Tinha apenas doze anos e ainda estava tão apaixonada pelo meu papá que o mundo começava e acabava com a morte dele.

– Um dia, o Hollow será teu – dissera-me ele pouco tempo antes de morrer. – Sei que lhe darás motivos de orgulho. És a quinta Hush McGillen. Nunca te esqueças disso.

Eu tinha de fazer alguma coisa, ou perderíamos a quinta. A fama e fortuna dos velhos tempos estavam reduzidas a um trator cheio de mofo no celeiro grande e aos restos do serviço de prata que ainda não tínhamos vendido. Agora, compreendia.

Tudo o que nos restava era as nossas maçãs.

Peguei em dois cestos vazios, uma tábua, um punhado de sacos de papel, uma caixa de cartão cheia de maçãs *Sweet Hush* acabadas de apanhar e no meu irmão mais novo, Logan, atravessei o pomar e percorri o caminho de terra que ia de casa à McGillen Orchards Road. Aí montei a minha banca improvisada e pus-me ao lado dela com um cartaz na mão, que pintara num quadrado de cartão com tinta vermelha.

A VERDADEIRA E ÚNICA

MAÇÃ SWEET SUSH

SEM BICHO

SEM MOSSAS

55 CÊNTIMOS O SACO

2 SACOS POR UM DÓLAR

Tinha reparado que ultimamente as pessoas de Atlanta atravessavam muito o Hollow. Subiam o novo ramal da autoestrada e depois viravam à direita na estrada nacional, atravessando as montanhas para ver a paisagem antes de regressarem a casa, aos seus bairros e centros comerciais. Eu andava a contar o número de carrinhas de Atlanta que estacionavam todos os sábados e domingos junto do alto arbusto perto da nossa velha caixa de correio. As pessoas saíam e tiravam fotografias à quinta. Uma vez, fui até à estrada alcatroada e olhei para trás, para o Hollow, para ver o que as intrigava. Vi o vale largo repleto de filas de macieiras, as montanhas redondas por trás delas e os bonitos telhados da nossa casa e celeiros a espreitarem entre um maciço de grandes faias, no cimo de um monte sombrio. Tudo o que via era o meu lar, mas adorava-o terrivelmente.

Se queria conservá-lo, tinha de o fazer render como nos velhos tempos.

Trinta minutos depois, tive a minha primeira cliente. Nunca me esqueci dela – uma senhora de Atlanta, de cabelo branco, que andava a mostrar às irmãs o território das maçãs num *Cadillac* com um autocolante desbotado que dizia «Nixon a Presidente».

– Porque é que estas são as verdadeiras maçãs *Sweet Hush*, minha querida? – perguntou ela, com um sorriso.

– Porque as nossas são as únicas *Sweet Hush* no condado de Chocinaw que nascem sobre os ossos de uma centena de soldados ianques. – Apontei para o pomar com um gesto dramático. – Que foram mortos pelos rebeldes ao fundo do nosso Hollow na Batalha de Dalrymple em 1863. – Fiz uma pausa calculada. – A minha tetravó Hush McGillen, a *Primeira*, dizia que as macieiras não se importam com os mortos. Por isso plantou as suas primeiras árvores mesmo em cima das campas dos soldados. E, desde então, é em *Sweet Hush Hollow* que crescem as melhores maçãs do mundo. Porque os ossos são raízes e as raízes são ossos. É o que a minha mãe diz, e a minha mãe é parte índia Cherokee, e toda a gente sabe que os índios conhecem os espíritos da terra. O que eles dizem é verdade. – Respirei fundo. – Dois sacos, um dólar, por favor. E mais vinte e cinco cêntimos se quiserem tirar fotografias.

A senhora e as irmãs riram-se e compraram-me a caixa inteira de maçãs.

– Pagaria só para te ouvir contar histórias – disse ela. Tocou-me no cabelo castanho-avermelhado. Era comprido e impossivelmente ondulado, e eu tinha-o prendido com um fio tirado do bolso das jardineiras. – Pareces ter nascido da terra dentro de um anel de fadas da quinta. Se continuares tão bonita e de imaginação tão viva, as pessoas hão de comprar-te as maçãs todas.

Depois de ela arrancar, pus Logan no carrinho de mão e empurrei-o ao longo do caminho para ir buscar mais maçãs, de testa franzida e a morder a língua.

– Logan – concluí. – As pessoas comprem maçãs se lhes dermos também uma história para levarem para casa.

A partir daí, comecei a contar a toda a gente que parava a história maravilhosamente sinistra dos mortos da Guerra Civil enterrados debaixo do coração do nosso pomar. Essa história vendia maçãs.

Duas horas depois, tinha despachado quarenta sacos de *Sweet Hush* e feito cerca de vinte dólares. Tirava constantemente as notas do bolso das calças de ganga para as contar, com dedos trémulos. Em 1974, era uma fortuna.

Ouvi uma mota e ergui os olhos para a estrada alcatroada entre as árvores e os rododendros. Vi Davy Thackery subir o monte, com a irmã, Mary May «Smooch» Thackery sentada atrás dele, os caracóis castanhos-escuros típicos dos Thackery a esvoaçar ao vento. Algumas famílias nunca conseguem alcançar o estatuto de respeitabilidade almejado. Os Thackery eram uma delas, apesar de a maioria dos seus membros terem naturezas simpáticas e calmas e trabalhariam arduamente para se manterem na classe média. Eram conhecidos – e, para dizer a verdade, admirados por muitos – pelo seu legado de álcool ilegal e pelo talento com carros rápidos. Afinal de contas, os ralis profissionais têm as suas raízes nas estradas do sul, nos anos quarenta e cinquenta, quando contrabandistas em carros artilhados e carregados de uísque fugiam aos agentes do governo. Os Thackery eram uma lenda em Chocinaw nesse aspeto. Nesses tempos antigos, nunca um Thackery fora apanhado – pelo menos vivo – na montanha Chocinaw.